FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 25/09/2022 - 05:59

Otimismo com economia é o maior no governo Bolsonaro

Otimismo com economia bate recorde do governo Bolsonaro, diz Datafolha

Expectativas são as mais elevadas desde o início do mandato; 3 em 10 acham que situação melhorou

Douglas Gavras

SÃO PAULO O percentual de eleitores que acham que a situação econômica do país melhorou nos últimos meses igualou o melhor momento do governo de Jair Bolsonaro (PL), e as expectativas positivas para os próximos meses são as mais elevadas desde o início do mandato do presidente, segundo pesquisa Datafolha. O levantamento, realizado entre os dias 20 e 22, também aponta o maior índice dos que consideram que a situação pessoal melhorou desde o início da série, em 2015.

A situação econômica do país ficou mais favorável nos últimos meses para 3 em cada 10 eleitores (28%), mesmo índice aferido antes da pandemia, em dezembro de 2019, e a sensação de melhora também vem aumentando ao longo do segundo semestre. Em agosto, 25% viam a trajetória da economia brasileira de forma positiva, e 15% pensavam assim em junho.

Essa percepção otimista, às vésperas das eleições, é maior entre os homens (35%), aqueles com mais anos de estudo (35%) e os mais ricos —com renda familiar acima de dez salários mínimos (46%).

Os eleitores de Bolsonaro têm uma visão mais otimista da economia —64% veem melhora, ante 59% dos que se sentiam assim em 18 de agosto.

Dos que pretendem votar no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), 7% pensam dessa forma agora, mesmo patamar do mês passado. A percepção positiva subiu, sobretudo, entre os eleitores de Simone Tebet (MDB), que passaram de 9% para 16% no período.

Alguns dados econômicos recentes ajudam a entender o aumento no número de entrevistados que dizem que a economia teve desempenho melhor —mas é preciso ponderar os efeitos desses indicadores.

Agosto, por exemplo, registrou o segundo mês seguido de deflação medida pelo IPCA, sob efeito do recuo dos preços dos combustíveis. Em 12 meses, a inflação acumulada foi de 8,73% —ante os 10,07% registrados no mês anterior.

Ainda assim, a inflação do Brasil era a 8ª maior de uma lista das 20 principais economias do mundo. O grupo de alimentação e bebidas continuou em alta, de 0,24% em agosto e de 13,43% em 12 meses. E a inflação da cesta básica, que afeta mais impiedosamente os mais pobres, era de 25,9% em 12 meses, segundo estudo da PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná).

Do lado do emprego, ainda que a taxa de desocupação tenha recuado para 9,1% no trimestre até julho, o número de trabalhadores informais chegou a 39,3 milhões, de acordo com a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), divulgada pelo IBGE.

Ao mesmo tempo, segundo o Datafolha, a percepção de piora da economia brasileira chegou a 50% na pesquisa mais recente (eram 54% em agosto). Para 21%, tudo permaneceu igual, e cerca de 1% não soube responder.

Em situação mais frágil no mercado de trabalho, as mulheres sentem mais a piora do país (58%); aqueles com renda familiar mensal de até dois salários mínimos, mais reféns dos aumentos de preços dos alimentos, também (58%). Para os beneficiários do Auxílio Brasil, a sensação de piora é de 55%.

Reportagem recente da Folha apontou que o Brasil chega às eleições de 2022 com uma taxa de desemprego mais baixa que há quatro anos, mas com inflação mais elevada.

Quando olham para a sua situação particular, 27% dos entrevistados pelo Datafolha afirmam que ela melhorou nos últimos meses (eram 26% na pesquisa de agosto e 20% na de junho), 33% consideram que ficou igual, e 39% dizem crer que piorou (ante 42% e 47% nas rodadas anteriores).

Já a expectativa de saber quem irá governar o Brasil nos próximos quatro anos faz com que 53% (eram 48% em agosto) acreditem em uma melhora na economia do país, enquanto 14% (já foram 18%) acham que irá piorar e 26% não preveem mudanças significativas —a expectativa também é a mais alta desde o início do governo Bolsonaro. Para os que recebem Auxílio Brasil, o otimismo é de 58%.

Na pesquisa, foram feitas 6.754 entrevistas com eleitores com mais de 16 anos, em 343 municípios de todas as regiões do Brasil. A margem de erro para o total da amostra é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Na tentativa de ganhar popularidade entre os mais pobres, o governo Bolsonaro aumentou o benefício do Auxílio Brasil para R$ 600 às vésperas da eleição. Olhando sobretudo para a classe média, também foi alterada a tributação do ICMS sobre os combustíveis. O presidente, no entanto, permanece estagnado em segundo lugar nas intenções de voto, atrás de Lula.

Na avaliação do economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, essa sensação de que a economia está melhor para 28% vem dos efeitos causados pela saída da pandemia, sobretudo no setor de serviços, e também por causa do agronegócio, que tem feito a renda crescer fortemente nos estados em que a atividade agropecuária tem peso maior.

"Outros países em que as commodities têm forte peso também estão tendo desempenho melhor neste ano, como Austrália e Arábia Saudita. Não tem nada a ver com política fiscal ou com medidas do governo. De qualquer maneira, essa sensação que se vê em serviços e nos preços de produtos básicos ajuda nessa percepção mais positiva da população", avalia.

Ele complementa, que apesar do otimismo em relação aos próximos meses, não há garantias de que a sensação de melhora continue a subir, pelo contrário.

"Com juros altos e preços menores de commodities no ano que vem, esse aumento de otimismo não deve se manter. Sozinhas, as medidas estruturais tomadas pelo governo —na falta de estabilidade política e responsabilidade ambiental— não conseguem sustentar o crescimento. E esse governo não tem o que entregar nessas áreas."

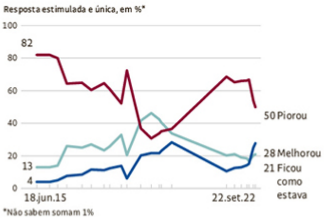
Cosmo Donato, economista-sênior da LCA Consultores, acrescenta que, apesar da recuperação em velocidade surpreendente após os piores momentos da pandemia, principalmente pela queda do desemprego e pela alta da demanda por serviços, houve uma piora institucional no manejo do lado fiscal e o governo Bolsonaro também será lembrado pelos dribles no teto de gastos.

"O contexto internacional, que é sempre muito importante para o Brasil, está realmente mais nebuloso. O que vemos é um mundo que cresce menos, com mais inflação e impactos da Guerra da Ucrânia nos preços de commodities, energia e alimentos."

Posto de combustíveis em SP; redução nos preços levou a deflação nos últimos dois meses Kevin David - 31.ago.22/A7 Press/Agência O Globo

Nos últimos meses, a situação econômica do país mudou?

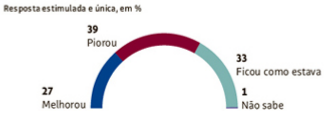
Resposta estimulada e única, em %*



*Não sabem somam 1%

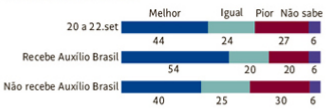
E a sua situação econômica, mudou nos últimos meses?

Resposta estimulada e única, em %



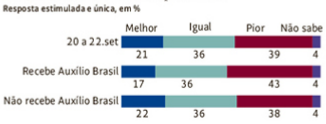
Se Lula for eleito presidente, a sua vida ficará melhor, igual ou pior do que está hoje?

Resposta estimulada e única, em %



E se Jair Bolsonaro for eleito presidente?

Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Datafolha presencial com 6.754 pessoas de 16 anos ou mais em 343 municípios de 20 a 22.set; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-04180/2022

Entre os que recebem o Auxílio, 55% afirmam que situação piorou

SÃO PAULO Apesar dos esforços do governo de Jair Bolsonaro (PL) para conquistar votos dos eleitores mais pobres, por meio do aumento do Auxílio Brasil para R$ 600 às vésperas das eleições, 55% dos eleitores que recebem o benefício afirmam que a situação econômica do país piorou nos últimos meses, segundo pesquisa Datafolha feita de 20 a 22 de setembro.

Mais vulneráveis às altas acumuladas de preços de alimentos e do custo de vida, nesse grupo apenas 21% dizem ter percebido uma melhora do país, e 23% não notaram mudanças.

O instituto ouviu 6.754 eleitores com mais de 16 anos, em 343 municípios. Para o grupo de beneficiários do Auxílio Brasil, a margem de erro é de três pontos percentuais, para mais ou para menos.

Quando avaliam sua situação econômica individual, 46% dos cadastrados no programa também enxergam uma piora, ante os 31% que dizem não ter notado mudanças e os 23% que comemoram uma melhora.

Além disso, o instituto também mediu que 54% dos que recebem o benefício dizem acreditar que a vida ficará melhor, caso o líder nas pesquisas de intenção de voto, Lula retorne à Presidência da República.

O dado da pesquisa também aponta que 20% dos beneficiários não esperam mudanças com o retorno do petista, e outros 20% imaginam que tudo piore.

Entre os que não fazem parte do programa, 40% esperam uma melhora com a volta do petista; 30%, uma piora; 24,5%, que tudo fique como antes.

No caso de um eventual novo mandato de Bolsonaro, apenas 17% dos beneficiários esperam uma melhora, 36% dizem que a vida deve ficar igual, e 43% esperam que as coisas piorem.

Quando considerados todos os entrevistados, inscritos ou não no programa de transferência de renda, a perspectiva de um terceiro mandato de Lula é recebida com otimismo por 43,5%, enquanto 23,5% responderam que tudo deve ficar como está e 27% têm a avaliação de que deve ficar pior.

Para Bolsonaro, 21% afirmam que a vida irá melhorar, 36% não esperam mudanças e 39% veem mais quatro anos do presidente com pessimismo.

Desde novembro passado, quando substituiu o Bolsa Família —marca dos governos petistas— pelo novo programa, o governo tenta ganhar terreno entre o eleitorado de menor renda.

No fim de julho, a Folha mostrou que 350 mil famílias entram, em média, na fila do Auxílio Brasil por mês, um aumento em relação a 2019, quando eram 200 mil. Para especialistas, é um reflexo do aumento da pobreza e de interesse dos brasileiros de menor renda que receberam o auxílio emergencial durante a pandemia.

Mesmo com o aumento do benefício para R$ 600, só 5 das 17 capitais analisadas pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) tinham cesta básica abaixo do valor do benefício. As cinco ficam no Nordeste: Recife (R$ 598,14), Natal (R$ 580,74), Salvador (R$ 576,93), João Pessoa (R$ 568,21) e Aracaju (R$ 539,57). DG

Leia mais na pág. A22

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Pagina:** 21

Copyright © Clipclap 2025.